

PARECIDOS COM JESUS



“Vós mesmo sois a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos, manifestos como carta de Cristo, ministrada por nós, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de corações de carne.” (2Coríntios 3.2-3)

No início do primeiro século, período em que a Igreja primitiva ainda buscava tomar forma, havia na cidade de Antioquia, em Roma, pessoas convertidas a Cristo que passaram a se reunir em casas de familiares ou amigos para a realização dos

cultos domésticos. Nos momentos em que havia perseguições por parte dos romanos, os cultos eram realizados em lugares excêntricos como as catacumbas (túmulos subterrâneos) de Roma. Para os crentes perseguidos do primeiro século, os cemitérios eram lugares relativamente seguros, pois havia por parte dos imperadores um grande respeito pelos mortos, a ponto de não perseguirem os que se reuniam e faziam culto em alguma das quarenta catacumbas existentes na cidade. O ato dos convertidos a Cristo se reunirem nas catacumbas se tornou tão notório que, com o passar do tempo (por volta do ano 350 d.C.) o cristianismo chegou a ser conhecido como a “religião das catacumbas”, visto que as catacumbas já pouco serviam de cemitério, mas apenas para serviço de culto.

O fato é que, reunidas em lares ou em cemitérios, as comunidades cristãs primitivas não possuíam nenhum tipo de sinalização que as identificasse (bem como seus membros) como igreja. Mesmo assim a narrativa do livro Atos dos Apóstolos nos mostra que os romanos passaram a apelidar aqueles que se convertiam a Cristo, chamando-os (na época pejorativamente) de “cristãos”¹:

“E sucedeu que todo um ano se reuniram naquela igreja e ensinaram muita gente. Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos.” (Atos 11.26)

A razão para os discípulos de Cristo serem chamados de “cristãos” estava no fato da praticidade de vida deles espelhar a vida que Cristo viveu durante os três do ministério dEle na terra. Isso é algo que, ainda hoje, deveria ser uma realidade na vida de todos aqueles que professam a fé na pessoa do Senhor Jesus Cristo, pois como o apóstolo João escreveu em sua primeira epístola, *“aquele que diz que está nele [Jesus] também deve andar como ele [Jesus] andou”* (1João 2.6). Mas não é bem assim que as coisas têm funcionado ultimamente. O nosso testemunho, na maioria das vezes, tem sido bem diferente daqueles homens com quem Cristo andou.

¹ O termo “cristão”, do grego *χριστιανός* (*christianós*), significa “seguidor de Cristo”.

Até meados dos anos 80 e início dos anos 90, os cristãos ainda eram marginalizados por causa do estilo diferenciado de vida que eles tinham. Mas isso vem mudando velozmente nos últimos anos. E essa mudança concorre tanto para o bem, como para o mal. Se por um lado os cristãos são vistos hoje com outros olhos pela sociedade que antes os oprimia, por outro lado o estilo de vida daqueles que se dizem cristãos, não possui quase nenhuma diferença daqueles que não professam a mesma fé. Pelo contrário, nos dias atuais, há muitas pessoas consideradas “pagãs” pelos cristãos, mas que possuem uma integridade de vida muito maior do que muitos que se intitulam “seguidores de Cristo”.

Na tentativa de defender a falta de desigualdade de comportamento entre crentes e não crentes, muitos apelam para a fragilidade e corrupção do gênero humano. Com frases do tipo: “*o homem é falho, só Deus é perfeito*”, “*não olhe para minha vida, olhe para a vida de Jesus*”, “*faça o que eu digo, e não o que eu faço*”, “*o importante é a mensagem e não a vida do mensageiro*”, muitos tentam se eximir da responsabilidade de viver uma vida que seja de acordo com os padrões do Evangelho de Cristo. Para estes o mundo e a sociedade mudaram, as tentações são mais sutis, as seduções do mundo são maiores e os valores que regem a conduta humana são outros, de forma que não há como desenvolver nos dias atuais o mesmo estilo de vida presente nos cristãos do primeiro século.

A falta de princípios comportamentais no meio cristão é tão evidente que, dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), feita em agosto de 2011, revelaram a existência de uma nova categoria religiosa, a dos evangélicos não praticantes. São pessoas que, apesar de crerem no Evangelho de Jesus, não demonstram qualquer prática que justifique essa fé. Não passam de cristãos nominais, nada além disso.

Seria essa uma realidade presente em nossos dias? O padrão bíblico de comportamento é algo restrito àqueles que pertenceram aos séculos passados? Parecer-se hoje com Jesus é uma meta impossível de ser alcançada? A declaração do apóstolo Paulo em sua segunda epístola aos coríntios nos diz que não. Nos dias atuais ainda é possível – e necessário – sermos **parecidos com Jesus**.

No capítulo 3 da segunda epístola aos coríntios o apóstolo Paulo responde a uma crítica recebida por não ter apresentado cartas de recomendação em sua última passagem pela Igreja em Corinto – igreja essa que ele mesmo fundara. Em sua defesa Paulo afirma que a própria existência da Igreja em Corinto testemunhava da validade do seu ministério. Em seguida ele afirma que a igreja era a “carta de Cristo”, conhecida e lida por todos os homens (cf. 2Coríntios 3.2-3). Essa declaração de Paulo é atemporal, isto é, fora do domínio do tempo e espaço, e mantém sua relevância ainda em nossos dias, pois é um princípio eterno.

Nos dias atuais, todo cristão verdadeiro é uma “carta aberta” de Cristo lida por todos os homens, pois sua vida refletirá a obra de Deus em sua personalidade. Apesar do conteúdo de uma carta ser mais importante que a carta em si, isso não a exime de apresentar certas características, afinal, ela é responsável pelo transporte do conteúdo da mensagem nela escrita.

Partindo do princípio que uma carta por si mesma não fala, mas ela é lida por alguém, que tipo de leitura as pessoas tem feito da nossa vida como igreja na coletividade (como Corpo de Cristo) e também individualmente (como membros desse Corpo)? Que mensagem transparece em nós quando somos lidos por alguém?

O conteúdo de uma carta é sempre produto do que há no interior do coração do escritor. Como cartas de Cristo, devemos refletir (aos olhos de todos os homens) o que há no interior do coração do Senhor Jesus e que foi transportado para o nosso coração “*pelo Espírito do Deus vivo*” (cf. 2Coríntios 3.3). Sendo assim, devemos tomar o extremo cuidado de não apresentarmos características que dificultem ou até mesmo impeçam a leitura adequada da nossa vida por parte das pessoas.

Como “carta de Cristo” não podemos ser uma carta:

- 1. Anônima.** As pessoas precisam saber quem somos em Cristo e porque somos o que afirmamos ser. Não podemos nos ocultar ou sermos omissos nos momentos em que precisamos nos posicionar como seguidores de Cristo.
- 2. Pseudoepígrafa.** As pessoas precisam identificar a “caligrafia” de Jesus em nossa vida no dia-a-dia. Não podemos afirmar que somos **carta de Cristo** se a mensagem que carregamos não corresponde ao **Cristo da carta**.
- 3. Suja ou manchada.** As manchas ou sujeiras em nossa vida dificultam a leitura do Evangelho de Jesus por parte das pessoas. A falta de zelo na condução da nossa vida demonstra que não valorizamos aquilo que temos recebido por parte de Jesus através da atuação do Espírito Santo em nossa vida.
- 4. Rasgada.** As pessoas precisam enxergar a totalidade do Evangelho do Senhor Jesus Cristo em nós. Devemos transportar todo o conteúdo do Evangelho e não apenas uma fragmentação dele. Devemos viver a vida cristã íntegra, completa, e não até o limite do que nos agrada.
- 5. Rasurada.** A mensagem do Evangelho em nós precisa ser pura e não adulterada de acordo com os nossos próprios princípios e posturas. Precisamos transportar o Evangelho de Jesus e não o evangelho dos evangélicos, onde cada um interpreta a Bíblia à sua própria maneira, adaptando-a conforme o seu gosto, necessidade e comodidade.

Para finalizar, precisamos manter viva em nossa mente a ideia de que, o Evangelho de Jesus que um dia transformou a nossa vida, precisa, ainda hoje, produzir transformações diárias em nós. A cada dia, ainda que lentamente, precisamos morrer ante as nossas vontades e desejos. Precisamos alcançar um estilo de vida no qual, a exemplo do apóstolo Paulo, possamos declarar:

“Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim.” (Gálatas 2.20)